

A questão do método nas Ciências Sociais

Alessandro Macedo¹

Resumo

O presente artigo faz uma reflexão acerca do método nas Ciências sociais. O objetivo é demonstrar através de uma síntese, em que consiste as elaborações metodológicas dos três autores considerados clássicos da Sociologia, e, por conseguinte, das Ciências Sociais. Também busca fazer um esclarecimento sobre o que é método de análise e técnicas de pesquisa, tendo em vista a confusão que paira sobre essa questão no que tange a pesquisa em Ciências Sociais. Além do mais, apresenta de forma crítica as contradições e ilusões que marcam a metodologia derivada do paradigma positivista, expressas nos seus dois grandes representantes, Max Weber e Emile Durkheim. Nesse sentido, optamos por trazer os pontos considerados mais importantes para entender as propostas metodológicas dos métodos, funcionalista, compreensivo e a dialética. Assim, realizamos uma análise teórica de algumas obras dos fundadores da Sociologia, Durkheim, Weber e Marx, no sentido de apreender tais propostas. Por fim, concluímos que as Ciências Sociais, desde seus primórdios, se encontram hegemônicas pelos métodos e técnicas de pesquisas desenvolvidas pelos teóricos representantes do paradigma positivista. Nesse sentido, se apresenta como uma ciência carregada de atributos ideológicos, cujos postulados metodológicos buscam legitimar um tipo de saber ilusório.

Palavras chaves: Método, Ideologia, Positivismo, Neutralidade.

Abstract

This article reflects on the method in social sciences. The objective is to demonstrate, through a synthesis, what consists of the methodological elaborations of the three authors considered classics of Sociology, and, consequently, of Social Sciences. It also seeks to clarify what is the analysis method and research techniques, in view of the confusion that hovers over this issue with regard to research in Social Sciences. Furthermore, it critically presents the contradictions and illusions that mark the methodology derived from the positivist paradigm, expressed in its two great

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de Brasília/UnB, Departamento de Estudos Latinos Americanos/ELA. Membro do Núcleo de Estudos em Movimentos Sociais/ NEMOS/UFG. Bolsista Capes.

representatives, Max Weber and Emily Durkheim. In this sense, due to the issue of space, we chose to bring the points considered most important to understand the methodological proposals of the methods, functionalist, comprehensive and dialectic. Thus, we carry out a theoretical analysis of some works by the founders of Sociology, Durkheim, Weber and Marx, in order to apprehend such proposals. Finally, we conclude that the Social Sciences, since its beginnings, are hegemonized by the research methods and techniques developed by the theoretical representatives of the positivist paradigm. In this sense, it presents itself as a science loaded with ideological attributes, whose methodological postulates seek to legitimize a kind of illusory knowledge.

Keywords: Method, Ideology, Positivism, Neutralit

Introdução

Este texto tem como objetivo realizar uma reflexão acerca do método no âmbito das Ciências Sociais, porém, antes de tratarmos da questão propriamente dita, acreditamos ser necessário responder a três perguntas. O que é ciência? O que é sociedade? E o que é método? Pois se tratando de Ciências Sociais, não basta apenas reproduzirmos os termos em seu sentido geral, é preciso defini-los de forma mais precisa, pois esses remetem a conceitos com significações mais complexas. Não existe consenso nessas respostas, uma vez que existem diversos conceitos e definições do que venha ser ciência, sociedade e método. No entanto, para prosseguirmos em nosso objetivo, apresentaremos nossas definições.

Existem várias definições do termo ciência, no entanto, entendemos que se trata de uma forma de conhecimento metodicamente sistematizado apoiado em observações, cujas pretensões envolvem a busca por um saber objetivado e verificável. O conceito de sociedade comumente difundido e aceito, é aquele que a define como sendo uma associação de seres humanos em um determinado espaço geográfico, o que pressupõe uma população. Porém, essa definição é vaga e não contempla a complexidade que torna a sociedade possível. Nesse sentido, preferimos defini-la como sendo o conjunto das relações sociais. A definição de método é mais complicada ainda, isso devido ao fato de que nas ciências sociais, existe uma grande confusão em torno desse termo. Pois

muitos acadêmicos confundem metodologia de pesquisa², como sendo o método de análise.

Nesse sentido, concebemos o método como um recurso heurístico. No âmbito de uma análise, seja no campo da Sociologia, Antropologia Social, Ciência Política, dentre outras, o cientista social age metodicamente para produzir conhecimento sobre a realidade do mundo social. Assim, o método pode ser comparado a um caminho, que trilhamos para chegar ao lugar objetivado. Como não existe apenas um método, mas vários, então podemos dizer que se tratando das ciências sociais, essa dispõe de um conjunto de caminhos pelos quais pode-se embrenhar dependendo do fim que se almeja atingir. Isso não significa que defendemos o ecletismo teórico-metodológico em ciências sociais. Assim, conhece-se uma gama de métodos e suas metodologias de pesquisa, tais como: *o compreensivo, o estruturalismo, o empirismo, o funcionalismo, o comparativo, a dialética* dentre outros. Cada um desses métodos acima destacados, deriva de duas concepções, ou seja, duas formas distintas de conceber a realidade social e histórica, isto é, o materialismo histórico e o positivismo, ambos confundidos como sendo métodos de pesquisa, mas na verdade são teorias sociais. Uma teoria social, tal como o positivismo desenvolvido por Comte (1978) e aprofundada por Durkheim (2004), cujas características de análises remontam aos modelos das ciências naturais (experimentação, observação, comparação), teve forte influência na construção do objeto de estudo nas ciências sociais, em específico na Sociologia.

O positivismo, por seu turno, concebe a realidade social e histórica como uma sucessão de estágios evolutivos, que obedecem a leis naturais, dotadas de regularidades, no entanto, fora do controle humano. Assim, o advento da sociedade industrial acompanhada do conhecimento científico, constitui o estágio final dessa evolução. A partir dessa ótica, a sociedade capitalista deve ser entendida como sendo a joia da coroa no processo de evolução social, cabendo aos cientistas e a Sociologia desenvolver meios de aperfeiçoamento e controle social, decretando assim o fim da história. É por isso que

² Metodologia diz respeito aos instrumentos da pesquisa, isto é, os vários modos de abordagens práticas, o que inclui formas de procedimentos, as ferramentas utilizadas para tratar fenômenos sociais e naturais, seja em forma teórica ou prática. Tais como: entrevista, aplicação de questionário, observação participante etc.

autores como Durkheim (1978) e Weber (2001), vão trabalhar com recortes sociais (tipos ideais, fatos sociais) no sentido de compreender determinado fenômeno, tendo em vista que a realidade é infinita e por isso impossível de apreender os fenômenos sociais em suas totalidades. Em termos mais precisos, isso significa construir uma ciência social isolada, que não sofra com interferências valorativas, derivadas das classes sociais, da divisão social do trabalho, da propriedade privada etc.

A teoria materialista da história fundada por Marx, se situa no pólo oposto. Para o materialismo histórico, a realidade social e histórica é produto das interações dos seres humanos reais de carne e osso, determinados por relações sociais reais, Marx & Engels (1989). Isso significa que os fenômenos sociais podem ser compreendidos em suas totalidades, e o método de análise por excelência para alcançar esse fim, é a dialética. O paradigma materialista, diferentemente do positivista, não trabalha com modelos pré-concebidos nem com recortes da realidade. O materialismo histórico como teoria social e a dialética como recurso heurístico, trabalha com categorias, tais como: totalidade, determinação fundamental, abstração, concreto dado, concreto pensado etc.

Passemos então à análise dos três autores considerados fundadores da Sociologia, no sentido de aprendermos em que consistem suas elaborações metodológicas. Optamos por quebrar a ordem cronológica estabelecida pelos manuais de Sociologia, onde geralmente aparecem Marx, Durkheim e Weber, porque somente Durkheim e Weber tinham ambição de fundar uma ciência particular. Sendo que Marx foi introduzido nesse rol tardiamente, devido a abrangência de sua obra.

O método funcionalista de Durkheim

Durkheim foi o grande responsável pela consolidação da Sociologia como ciência, por isso sua preocupação fundamental era dar a ela um objeto próprio de estudo, assim como procedimentos metodológicos adequados, visando com isso descobrir a regularidade das leis que regiam a sociedade. Nesse sentido, em *As regras do método sociológico* (2004) propõe o uso dos procedimentos metodológicos das ciências naturais na análise dos fenômenos sociais, visando com isso, atingir a

objetividade e a neutralidade do conhecimento sociológico. Durkheim se declarava metodologicamente conservador e, portanto, concebia os fenômenos sociais como fatos objetivos, externos à realidade social. No prefácio de *As regras do método sociológico*, faz a seguinte afirmação:

Nosso método não tem, portanto, nada de revolucionário. É até, num certo sentido, essencialmente conservador, visto que considera os fatos sociais como coisas cuja natureza, por mais maleável que seja, não é, no entanto, modificável à vontade. (DURKHEIM, 2004, p.17)

Em sua famosa sentença, “*os fatos sociais devem ser tratados como coisas*”, está contida a natureza do seu método. Uma outra característica fundamental deste método provém de uma outra sentença, “*os fatos sociais são exteriores e coercitivos*”. Dessa forma, as relações sociais são forças arbitrárias que se impõem aos indivíduos, quer eles queiram ou não, pois Durkheim como teórico das instituições sociais, concebiam a sociedade como uma totalidade funcional (objeto) que se sobrepõe aos indivíduos. Nesse sentido, a realidade social, bem como seus fenômenos, deve ser analisada da forma mais fria e imparcial possível, isto é, o cientista social deve despir de toda sua bagagem valorativa, sentimental e emocional, ou seja, as pré-noções, ao buscar compreender determinado fenômeno, pois se o fato é externo e objetivo, sua compreensão também deve ser.

Assim, a busca da neutralidade na análise sociológica, é uma característica fundamental para se chegar à verdade imparcial, e vai caracterizar seu objeto de estudo, a sociedade. Pois para Durkheim, a sociedade pode ser entendida como um corpo vivo, onde as instituições são como membros, que coadunam para o bom funcionamento desse corpo. Todas essas pretensões remetem a formulações biológicas desenvolvidas por Herbert Spencer (1820-1903) e aprofundadas por Durkheim. Essa ideia de conceber a sociedade como um organismo social, foi chamada de funcionalismo, daí o nome método funcionalista. Mas em que consiste esse método? Quais são seus procedimentos na análise dos fenômenos sociais?

Para entendermos em que consiste o método funcionalista, primeiramente precisamos responder o que é um fato social. Em suas próprias palavras, assim ele o define:

Fato social é toda maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 2004, p. 47)

Assim, um fato só pode ser considerado social se existe dentro de uma regularidade, tais como: o casamento, a religião, as leis, o suicídio, a educação, o sistema financeiro etc. Também podem ser considerados como fatos sociais, os papéis que a sociedade destina aos indivíduos, como: o papel de pai, esposa, cidadão etc.

De forma geral, o método funcionalista, que Durkheim chama de método sociológico, ou método científico, tendo em vista sua preocupação em conferir à sociologia o *status* de ciência, está circunscrito nos seguintes procedimentos: A sociedade deve ser entendida como um progresso natural, que deriva de leis imutáveis, ou seja, obedece a um determinado padrão de ocorrência, que mesmo sendo composta por seres humanos, não está submetida pelas suas vontades, constituindo-se em uma totalidade à parte; os fenômenos sociais devem ser tratados como realidades objetivas, que independem de fatores humanos, pois estes derivam de leis que regulam o corpo social; a análise da realidade social deve ser efetivada obedecendo a princípios de objetividade, assim como são analisados os fenômenos físicos, químicos, astronômicos, etc., isso pressupõe que a análise sociológica dos fenômenos sociais deve ser feita livre de qualquer influência ideológica, seja de caráter político, econômico ou cultural.

Embora *As regras do método sociológico* seja a obra mais importante de Durkheim, por ser por meio dessa que ele estabelece os marcos analíticos de sua sociologia, a questão do método também aparece nas obras *Da divisão social do trabalho* (1995) e *O suicídio* (1973). Por mais que o cientificismo-positivista de Durkheim tenha sofrido as mais sérias e contentes críticas Viana (2006), Martins (1982), foi o grande responsável pela institucionalização da sociologia como campo de conhecimento cientificamente reconhecido. Portanto, sua obra merece ser lida e analisada com os devidos cuidados, no sentido de identificar quais as contribuições que sua teoria social conserva para pensarmos a sociedade capitalista contemporânea. O funcionalismo desenvolvido por Durkheim e aprofundado por Robert K. Merton e Talcott Parsons, como método de análise sociológica, é incapaz de nos fornecer

explicações satisfatórias sobre a realidade, uma vez que ele busca enquadrar os fenômenos sociais em modelos analíticos descolados da realidade.

Weber e o método compreensivo

Max Weber também é considerado um clássico do pensamento sociológico, é o grande representante da sociologia alemã. Weber, assim como Durkheim, estava empenhado em dar à sociologia o status de ciência. Nesse sentido, ele vai desenvolver seu próprio método de análise, assim como construir o objeto do conhecimento sociológico. A influência de Kant e dos historicistas alemães Windelband (1848- 1915), Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Rickert (1863-1936), permitiu a Weber fazer a crítica ao positivismo reinante em sua época, ao passo em que entendia que não devia procurar leis nos fenômenos sociais, mas sim, buscar compreendê-los. Embora Weber não possa ser considerado um positivista tal como Durkheim, sua obsessão pela neutralidade axiológica, o vincula ao positivismo, assim como a busca pela objetividade do conhecimento. Suas preocupações sociológicas vão no sentido de entender a racionalidade da sociedade moderna, ao mesmo tempo em que busca delimitar essa nova disciplina científica.

Para Weber a realidade social é infinita e caótica quer dizer, inesgotável, sendo assim, nenhum conceito seria capaz de explicá-la em sua totalidade. Nesse sentido, ele vai desenvolver o conceito de tipos ideais. Os tipos ideais são a característica marcante no seu método. Essa elaboração consiste na construção de tipologias sociais, ou seja, recortes da realidade. Assim, ele o define:

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vistas e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vistas, a fim de formar um quadro homogêneo de pensamento. (WEBER, 2001, p. 137-138)

Mas o que isso essencialmente significa no âmbito de uma análise sociológica? Tomemos um exemplo prático, no sentido de ilustrar tal procedimento. Imaginem que certo pesquisador pretende entender o aumento dos conflitos raciais nas duas primeiras décadas do século XXI no Brasil. Partindo das premissas do método compreensivo, ele teria que verificar as especificidades e características dessas ocorrências e selecionar

aquilo que é comum a todas elas, a partir disso elaborar mentalmente um modelo de conflito racial que servisse de base para começar a compreender os casos concretos de conflito racial.

Isto é, ele teria que construir um modelo de conflito abstrato, com o qual enquadrar a realidade estudada. “É por isso que se vê em sua obra os tipos de ação social, os tipos de dominação legítima, os tipos de capitalismo, os tipos de educação e assim por diante” (VIANA, 2006, p. 39). Entretanto, no ato de selecionar determinadas características comuns aos fenômenos para compor um modelo imaginário, reside a chave da sociologia interpretativa, porquanto, ao fazer tais escolhas, ele tem como guia valores científicos e culturais, que não estão vinculados a suas escolhas pessoais. Os tipos ideais constituem-se em um recorte subjetivo do pesquisador perante a realidade social e histórica, o que engendra uma posição axiológica ao selecionar os elementos que entrarão na construção dessas tipologias sociais.

Weber não descartava o uso do juízo de valor na análise dos fenômenos sociais, porém, advertia sobre o que deveria ser valorizado. Para ele, os valores culturais são importantes, pois são esses que permitem selecionar o que tem valor científico ou não, quando se trata de analisar os fenômenos sociais. Assim, a questão do valor assume um status de fundamental importância na metodologia weberiana, isso porque nem tudo o que acontece ou aconteceu na sociedade é digno de investigação científica. Assim, segundo Weber:

Quando exigimos do historiador ou sociólogo a premissa elementar de saber distinguir o essencial do secundário, de possuir para esse fim os pontos de vista necessários, queremos unicamente dizer que ele deverá saber referir-consciente ou inconscientemente- a “valores culturais” universais, destacar aquelas conexões que, para nós, se revestem de significado. (WEBER, 2001, p. 131)

Dessa forma, o pesquisador deve imiscuir-se ao selecionar seu objeto de estudo, porém, não se trata de partir de seus valores pessoais, mas de valores científicos e culturais. Pois, embora o pesquisador elegeu seu objeto axiologicamente, para usar uma expressão weberiana, os resultados de sua pesquisa têm que ter validade universal, assim como dez mais dez são vinte em qualquer local do globo. Em suas próprias palavras, Weber afirma que:

É certo que - e continuará a sê-lo - se uma demonstração científica, metodologicamente correta no setor das ciências sociais pretende ter alcançado seu fim, tem de ser aceita como sendo correta também por um chinês. Sendo mais preciso: devem aspirar, em qualquer caso, atingir essa meta, mesmo quando, talvez, não possa ser alcançada devido a deficiência do material. Isso significa que a análise lógica de um ideal, com referência ao seu conteúdo, aos seus axiomas últimos e à indicação das consequências que sua execução acarretará nos setores lógicos e práticos, também deve ter validade para um chinês, se é pode ser considerado como alcançado. (WEBER, 2001, p. 113-114)

Nessa linha de raciocínio, o resultado de uma pesquisa sobre a mercantilização do carnaval carioca, deve despertar o mesmo interesse nos argentinos, que desconhecem as tradições culturais brasileiras que deram origem ao carnaval, os elementos das culturas africanas e populares presentes nessa festividade etc., ignorando as especificidades geográficas e culturais desses dois países, uma vez que se partiu de valores científicos universalmente válidos. Assim, a construção do objeto ocorre de forma subjetiva, entretanto, seus resultados precisam ser universalmente válidos.

Uma outra premissa que norteia o método compreensivo e influi na construção do objeto de pesquisa, é o conceito de ação social. Entender a sociedade, para Weber, significa entender a ação social e sua racionalidade. Pois nem toda ação é social, a ação só deve ser considerada social quando é dotada de uma racionalidade teleológica, isto é, quando os indivíduos agem no sentido de obter determinada finalidade. Dois automóveis colidindo acidentalmente não pode ser considerado uma ação social, porém, se ambos motoristas provocam essa colisão intencionalmente, aí sim, temos uma ação social. A ação social também é marcada pela causalidade, assim, toda ação social possui uma causa que remete a outras causas, e assim por diante infinitamente.

Em síntese, podemos afirmar que o cerne das elaborações metodológicas de Weber se encontra no indivíduo isolado, o que reforça seus vínculos com o modelo positivista, uma vez que tal modelo busca abstrair o indivíduo da totalidade social e histórica e dotá-lo de atributos heurísticos externos a essa mesma realidade. Assim, o *modus operandi* da metodologia compreensiva, possibilita eleger esse indivíduo atomizado como sendo o único portador de intencionalidade significativa.

Weber concebe a realidade social como um emaranhado de ações sociais com causalidades infinitas, o conjunto dessas ações formam certos conceitos, tais como:

feudalismo, associação, burocracia, poder, etc., portanto, a tarefa da sociologia através do método compreensivo é compreender tais conceitos a partir das interações dotadas de racionalidades, o que mais uma vez nos remete às ações isoladas. Enfim, podemos afirmar que a metodologia dos tipos ideais é uma ferramenta metódica de aproximação à que Weber utiliza para recortar a realidade social e historicamente, e posteriormente compará-la.

A sociologia compreensiva e sua busca pela objetividade do conhecimento, já foram submetidas às mais sérias e contundentes críticas, (LOWY, 2010; TRAGTENBERG, 1974; VIANA 2011). No entanto, seus pressupostos teóricos e metodológicos continuam a orientar programas acadêmicos mundo afora. O edifício teórico erigido por Weber é denso e complexo, sua análise e compreensão requer rigor e coerência intelectual.

A dialética marxista

Marx também é considerado um clássico da Sociologia, no entanto, diferentemente de Weber e Durkheim, não ocupou nenhuma cátedra acadêmica, nem era preocupação sua fundar uma ciência particular. Após terminar seu doutorado em filosofia, embrenhou-se na militância política e na atividade jornalística. Assim, Marx produziu uma vasta obra, cuja centralidade está na teoria da sociedade capitalista e a luta de classes, perpassando por vários campos do conhecimento, tais como: Metodologia, Política, História, Cultura, Filosofia, Economia, Sociologia, Antropologia etc. Desse modo, Marx pode ser considerado um clássico de várias ciências, sem nunca ter reivindicado para si o título de sociólogo, historiador, economista ou outro. De forma geral, Marx teve grande influência no pensamento ocidental, sobretudo nas ciências humanas. Por conseguinte, é um dos autores mais citados, mais combatido, menos entendido e mais deformado de todos os tempos.

A teoria social de Marx comporta dois polos epistêmicos³: uma teoria da história (materialismo histórico) e uma ferramenta heurística (método dialético). Contudo, antes de tratarmos do método dialético propriamente dito, precisamos esclarecer, mesmo que de forma breve devido aos limites do texto, as diferenças entre dialética hegeliana (idealista) e dialética marxista (materialista).

Por um certo período, Marx fez parte de um movimento filosófico chamado os jovens hegelianos de esquerda, juntamente com Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach, Max Stirner, entre outros. Os hegelianos de esquerda se limitavam a fazer a crítica ao idealismo alemão, sem dar conta, contudo, de compreender a totalidade da sociedade alemã e avançar para além da crítica ideológica. O próprio Marx, juntamente com Engels, em *A ideologia alemã (1989) [1846]*, definiu esses filósofos como portadores de fraseologias vazias, que buscavam combater as ideologias idealistas com outras ideologias.

No entanto, seu envolvimento com o movimento socialista, sua atividade jornalística o colocou a par de questões econômicas, ao passo em que rompia com os hegelianos e fazia críticas a Hegel e ao idealismo alemão. Hegel foi quem primeiro utilizou o termo dialética no sentido de entender o movimento do real ao longo da história. No entanto, como veremos mais à frente, a dialética idealista desenvolvida por Hegel é metafísica e a-histórica. As raízes etimológicas da palavra dialética nos remontam à Grécia antiga e significa a arte do diálogo (o que expressa uma interpretação verbalista do termo, e a dialética nesse sentido é entendida apenas como o exercício de ligar duas partes). No entanto, a consolidação do modo de produção capitalista como modo de produção dominante, permitiu à ciência deslanchar como forma de conhecimento superior, possibilitando assim, o surgimento da teoria do conhecimento (LOCKE, 1983; HESSEN, 1987; DESCARTES, 2001). A teoria

³ “O campo linguístico marxista geralmente reserva ao sufixo ‘logia’ um caráter ideológico e axiológico (como em ‘ideologia’, ‘axiologia’ etc.) e prefere usar outros sufixos, como ‘nomia’, por exemplo. Além disso, o termo “epistemologia” é de uso comum e com sentidos distintos do que atribuímos a episteme (tais como um “ramo da filosofia”, “uma ciência particular” etc.), um termo raramente usado e que por isso tem menos possibilidade de confusão terminológica”. VIANA, Nildo. *O modo de Pensar Burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018, p. 15.

racionalista do conhecimento, postula um conhecimento externo ao sujeito, dando origem ao subjetivismo positivista.

Embora Marx criticasse e combatesse a filosofia hegeliana, nunca negou sua influência, conservando aquilo que era útil na dialética idealista de Hegel. A dialética hegeliana é idealista, na medida em que concebe a realidade e a matéria como produto do pensamento (razão). Desse modo, o movimento da matéria (real), é o movimento das ideias ao longo da história, o fim desse movimento culmina na realização da ética universal, o espírito absoluto, isto é, o Estado. Mas o que Marx conservou da dialética de Hegel? Se a dialética em Hegel (1992) estava de cabeça para baixo e Marx a colocou de pé invertendo seu invólucro metafísico, em que consiste esse movimento.

A dialética em Marx também é movimento, no entanto, não se trata de um movimento ideal produto das ideias ao longo da história. Se trata do movimento real dos seres humanos na história, no seu caso em específico, do movimento revolucionário burguês e do proletariado Viana (2017). Dessa forma, a dialética marxista é expressão heurística da classe proletária, ao passo em que estabelece uma unidade indissolúvel com seu núcleo teórico, isto é, o materialismo histórico. Assim, é necessário entender que, a dialética marxista como método analítico que busca entender a realidade em sua totalidade, está intimamente ligada aos interesses de classes do proletariado, uma vez que somente a essa classe interessa entender as relações sociais em sua totalidade, livre de mediações idealistas e, portanto, ilusórias.

Aqui devido a questão de limites, não poderemos desenvolver as categorias que compõe a unidade teórica-metodológica que juntas formam a dialética marxista (totalidade, determinação fundamental, abstração, abstrato, forma, conteúdo), e que longe das deformações perpetradas por supostos continuadores da obra de Marx (LÊNIN, 1978; GRAMSCI, 1989; STÁLIN, 1982), cujo mérito foi reduzir o materialismo histórico e o método dialético há uma interpretação economicista e vulgar, busca ser a expressão epistêmica e revolucionária do proletariado. Entretanto, além das categorias acima mencionadas, a dialética como recurso heurístico dos interesses de classe do proletariado também possui uma consciência. Diferentemente da metodologia positivista que exige que o pesquisador abandone sua consciência (valores, sentimentos,

concepções etc.) ao analisar os fenômenos sociais, a dialética marxista como método de explicação da realidade implica partir da consciência de classe do proletariado. Isso significa um vínculo com os valores, sentimentos, concepções dessa classe social.

A teoria da consciência exposta pela primeira vez na *ideologia alemã* constitui-se como um elemento de fundamental importância para compreender a dialética marxista. Pois a consciência de classe do proletariado é o ponto de partida do método dialético, tendo em vista que a consciência não nada mais é que o ser consciente Marx e Engels (1989) [1926], isso significa que esse procedimento heurístico parte da realidade concreta para entender a própria realidade. O movimento aqui é o movimento de seres humanos reais, isto é, o processo de vida real da sociedade dividida em classes sociais antagônicas, com interesses distintos, marcada pela oposição entre detentores dos meios de produção (capital) e possuidores de força de trabalho (mais-valor). Nesse contexto, não cabe mediações metafísicas e abstratas como procede a dialética idealista (*tese, antítese e síntese*), ou a relação abstrata entre sujeito e objeto derivado do racionalismo empirista.

A dialética marxista por ser expressão dos interesses de classe do proletariado se revela um verdadeiro incômodo para os partidários das ideologias do conhecimento. Nas palavras do próprio Marx:

Em sua forma mistificada, a dialética foi moda alemã porque ela parecia tornar sublime o existente. Em sua configuração racional, é um incômodo e um horror para a burguesia e para seus porta-vozes doutrinários, porque, no entendimento positivo do existente, ela inclui ao mesmo tempo o entendimento da sua negação, da sua desaparecimento inevitável, porque apreende cada forma existente no fluxo do movimento, portanto, também como seu lado transitório; por que não se deixa impressionar por nada e é, em sua essência, crítica e revolucionária. (MARX, 1988, p.27)

Assim, a dialética não pode ser usada como uma ferramenta neutra de análise, pois se tratando da dialética marxista, isso seria impossível e até mesmo evitado, tendo em vista que essa não busca enquadrar a realidade em modelos pré-concebidos, e nem ser apenas ligação de diálogos abstratos como aparece nos manuais acadêmicos. De forma geral, a dialética é parte de um conjunto conceitual e teórico que é o marxismo. O marxismo como expressão teórica e revolucionária do proletariado, busca apreender a

realidade social e histórica em sua totalidade. Então qual seria a forma correta de uma análise a partir do método dialético?

Nesse sentido, entendemos que, se o método dialético é parte de uma consciência, isto é, uma forma de consciência heurística, significa que a dialética é parte de uma realidade. Entretanto, a teoria da realidade em Marx, pressupõe a realidade concreta. Dessa forma, a análise dialética dos fenômenos sociais, pressupõe partir da realidade concreta onde os fenômenos estão situados, ou seja, os fenômenos sociais não podem ser compreendidos apartados da totalidade social e histórica que os determina. A determinação fundamental, é uma categoria imprescindível na análise dialética. A busca pela determinação fundamental de um certo fenômeno social, significa a síntese de múltiplas determinações, uma vez encontrada a determinação fundamental, estamos diante do ponto de partida.

Na introdução *A Contribuição à Crítica da Economia Política*, Marx sintetizou esse procedimento:

Parece mais correto começar pelo que há de concreto e real nos dados; assim, pois, na economia, pela população, que é a base e sujeito de todo o ato social da produção. Todavia, bem analisado, esse método seria falso. A população é uma abstração se deixado de lado as classes que a compõem. Essas classes são, por sua vez, uma palavra sem sentido se ignoro os elementos sobre os quais repousam, por exemplo: o trabalho assalariado, o capital etc. Esses supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc. O capital, por exemplo, não é nada sem trabalho assalariado, sem valor, dinheiro, preços etc. Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos mais simples; do concreto representado chegaria a abstrações cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples. Chegado a esse ponto, teria que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas. O primeiro constitui o caminho que foi historicamente seguido pela nascente Economia Política. Os economistas do século 17, por exemplo, começam sempre pelo todo vivo: a população, a nação, o Estado, vários Estados etc.; mas, terminam sempre por descobrir por meio da análise certo número de relações gerais abstratas que são determinantes, tais como a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor etc. Esses elementos isolados, uma vez que são mais ou menos fixados e abstraídos, dão origem aos sistemas econômicos, que se elevam do simples, tal como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o Estado, a troca entre as nações e o mercado universal. O último método é manifestamente o método cientificamente exato. O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o

verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se na determinação abstrata; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, p. 258-259)

Os dois exemplos colocados por Marx na citação acima, mostra o quão equivocados estavam os economistas clássicos, que buscavam explicar os fenômenos econômicos partindo de conceitos isolados, tais como: mercado, população, Estado, dinheiro. Marx considerou errado o primeiro método justamente porque esses economistas buscavam entender o movimento do capital a partir de determinadas categorias, no entanto, isolando elas da totalidade social que as determinava. O segundo procedimento é considerado certo, portanto, é dialético na medida em que essas categorias são entendidas como constituídas de relações sociais concretas, e que, portanto, estão determinadas por interesses, valores provenientes de seres reais, pertencentes a determinada classe social, que possui posições distintas na divisão social do trabalho etc.

Efetivamente, partir do concreto dado para alcançar o concreto pensado, significa partir do que é visto, do que está dado, ou seja, do empírico. No entanto, o empírico constitui-se como sendo o superficial, o visível, o que é permitido conhecer sem nenhum exercício intelectual de reflexão metódica, pois se trata de algo objetivo. Todavia, o método dialético é caracterizado por buscar a essência do fenômeno, isto é, a determinação fundamental. Porém, chegar à raiz dos fenômenos não é algo simples como fazer perguntas objetivas a um certo número de pessoas, e posteriormente tomar essas respostas como sendo uma verdade objetiva.

O processo de abstração constitui-se no movimento do geral para o particular, isso significa reconstruir mentalmente o fenômeno, no sentido de descobrir suas múltiplas determinações, seus pontos de ligação com a realidade e sua verdadeira gênese. Ao voltar ao ponto de partida, isto é, a realidade concreta, o empírico, esse já não é mais o mesmo, pois o seu invólucro foi rompido, revelando uma totalidade viva, síntese de múltiplas determinações sociais e históricas.

Reconstruir o concreto na mente, não significa juntar suas partes e construir um todo caótico, pois as partes estão no todo, mais o todo não está nas partes, pois se assim

fosse, a dialética marxista também seria abstrata. Portanto, reconstruir a realidade concreta mentalmente, significa partir das relações sociais reais que a constituem. Nesse sentido, a representação imediata da realidade constitui-se em o ponto de partida natural de qualquer análise, no entanto, é preciso ir além do visível, e ir além do visível significa romper com o empirismo positivista que marca as análises científicas baseadas no modelo das ciências naturais. Em síntese, a dialética marxista difere radicalmente da dialética hegeliana, sobretudo na medida em que busca expressar uma consciência correta da realidade, no sentido de transformá-la revolucionariamente.

Técnicas de pesquisa e ideologia

Exposto mesmo que de forma sintética, o método e os procedimentos metodológicos dos três teóricos considerados clássicos da Sociologia, assim como das Ciências Sociais, vejamos agora, também de forma breve, devido a questão de limite, como que a questão metodológica está colocada nos dias atuais no campo das Ciências Sociais.

Como foi colocado na introdução deste texto, há uma confusão entre método de pesquisa e técnicas de pesquisa, ou seja, procedimentos. Não pretendemos aqui fazer uma abordagem de todas essas técnicas (entrevista, aplicação de questionário, história de vida, história oral, estatística, análise de conteúdo, análise documental etc.), mas abordar uma delas para fins de explicação. O que pretendemos aqui é tão-somente demonstrar como tais técnicas, uma vez mergulhadas nas águas turvas do positivismo, perdem seu caráter heurístico, e se prestam à reprodução ideológica de construtos que não contribuem para explicar os fenômenos sociais.

A ideologia vista a partir de uma ótica marxista, nos remete a uma forma de saber ilusório, que possui sistematização e complexidade, e pode se manifestar na forma de ciência, filosofia ou teologia. De acordo com Marx e Engels (1989). As ideologias positivistas produziram uma série de técnicas de pesquisas científicas. Essas técnicas dominam quase de forma hegemônica as pesquisas acadêmicas nos dias atuais. No entanto, o primeiro pressuposto a ser observado, é que tais técnicas não possuem

nenhuma neutralidade axiológica como queria Weber (2001), Durkheim (2004), ao contrário, estão carregadas de valores, concepções, posições, que buscam expressar um ponto de vista dominante, e nesse sentido, produzindo ilusões acerca da realidade social.

Vejamos a coisa mais de perto, tomemos como exemplo a entrevista. Essa é uma das técnicas de pesquisa mais comuns e bastante utilizadas no campo das ciências humanas, sobretudo nas pesquisas acadêmicas, por organizações privadas de pesquisa e instituições governamentais. No entanto, o problema não está na entrevista em si, mas, na forma como o pesquisador conduz esse procedimento, que na maioria das vezes remete aos modelos metodológicos positivistas, isto é, a eterna busca e a impossível possibilidade da neutralidade e da objetividade do conhecimento. Sob essa égide, muitos pesquisadores se distanciam de forma irracional do seu objeto de investigação, acreditando estar sendo neutros, o que implica ver e tratar seres humanos apenas como dados estatísticos.

Nesse sentido, há todo um planejamento ilusório para realizar a entrevista, no sentido de produzir o tal distanciamento, isto é, ser neutro, que vai desde a elaboração das perguntas, até o próprio ato de entrevistar. O grande problema, é que tais pesquisadores esquecem que ao elaborar perguntas ou um questionário que seja, ele está partindo de seus valores constituídos socialmente (culturais, científico, filosófico, ético etc.). “Assim, no processo de entrevista, a preocupação com a neutralidade na prática da mesma e na análise é de caráter positivista e revela não uma superação dos valores, mas tão-somente a manifestação de outros valores” (VIANA, 2015, p. 82).

Nesse sentido, o tal distanciamento, acaba engendrando problemas de ordem ética, tendo em vista que tal procedimento busca se situar apenas no plano objetivo, desconsiderando que os indivíduos entrevistados também são seres humanos reais, determinados socialmente, e que também são portadores de valores, sentimentos, concepções, possuem uma história, processos de vida etc., o que precisa ser levado em consideração ao aplicar essa técnica.

Isso ocorre pelo fato desse procedimento ser estruturado apenas no nível do empirismo. O empirismo como já foi colocado, se limita a reproduzir aspectos aparentes

da realidade, e transformá-los em verdades objetivas e inquestionáveis, desconsiderando seu caráter histórico e social. Dessa forma, os discursos, as respostas obtidas nas entrevistas são quantificadas e classificadas de forma arbitrária, sem nenhuma reflexão teórica-metodológica, produzindo resultados extremamente descritivos e simplistas. Um exemplo dessa estéril prática de pesquisa pode ser observado em períodos eleitorais, onde as empresas contratadas para produzirem probabilidades estatísticas de vitória do candidato X ou Y, nunca acertam, pois, seus pesquisadores se limitam a reproduzir respostas objetivas dos supostos eleitores.

Entretanto, nem tudo se encontra imerso nas águas turvas dos métodos e técnicas positivistas, a entrevista como técnica de pesquisa, uma vez estruturada de forma correta, pode produzir resultados satisfatórios, no sentido de entender o que se propôs pesquisar. A adoção do método dialético como fio condutor de uma entrevista, engendra dois pressupostos categóricos. O primeiro diz respeito à categoria da totalidade, isso significa que os indivíduos precisam ser interpretados em suas totalidades, o que pressupõe seus vínculos sociais (classe social, divisão social do trabalho, cultura, família etc., e até aspectos psicológicos de suas representações sociais). O segundo diz respeito a coerência entre teoria e prática, o que implica saber qual é a perspectiva do pesquisador⁴, o que significa entender que esse tipo de entrevista expressa um caráter ético, e não mera descrição de fatos e eventos quantificáveis, e, contudo, descolados da realidade. Não será possível desenvolver de forma completa como realizar uma entrevista sob as premissas da dialética marxista. Mas de forma geral, diríamos que é um procedimento de interpretação e não de descrição.

Considerações finais

Gostaríamos de finalizar nossa reflexão sobre a questão do método, enfatizando que as Ciências Sociais são essencialmente ideológicas, e na maioria das vezes seu uso

⁴ Imaginem que um sociólogo conservador, comprometido com o governo, bem como com o *status quo*, seja responsável por uma pesquisa que busca entender as causas do aumento da violência contra pessoas negras no Brasil nos últimos 10 anos. Dificilmente as reais determinações desse fenômeno serão apresentadas, mas o seu oposto será comprovado com números e dados estatísticos. Logo as causas apresentadas serão aceitas como verdades, pois sua pesquisa partiu de dados empíricos.

está circunscrito à legitimação de padrões sociais dominantes, seja nas esferas: política, econômica e cultural. No entanto, como ideologia do social, ela possui momentos de verdade, sobretudo, quando praticada por cientistas sociais, pensadores, filósofos que expressam um compromisso com a transformação radical da sociedade e, portanto, partem de uma base social crítica metodicamente consciente do terreno ideológico sobre a qual se constituem. De forma prática, para desenvolver pesquisas no âmbito das ciências sociais, que contribuam para entender os fenômenos sociais e históricos, sob o signo da sociedade capitalista contemporânea, é necessário que o pesquisador atualize os postulados clássicos dessa ciência, o que implica a rejeição crítica dos métodos de pesquisa positivistas, cuja primazia consiste na busca ilusória da neutralidade e da objetividade do conhecimento.

Referências

- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positivista*. São Paulo: abril Cultural, 1978. (Coleção os pensadores).
- DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. 8º ed. Lisboa: 2001.
- DURKHEIM, Emile. *Sociologia*. In: RODRIGUES, José (Org.). São Paulo: Ática, 1978.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. 5ºed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1966.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HEGEL, G.F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte 1. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HESSEN, J. *Teoria do Conhecimento*. 8º ed. Coimbra: Armênio Amado, 1987.

- LÊNIN, W. *Materialismo e Empiriocriticismo*. Rio de Janeiro: Mandacaru, 1978.
- LOCKE, John. *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. 3ªed. Rio de Janeiro: Elfos, 1983.
- LOWY, Michael. *Ideologia e Ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez editora, 1985.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção primeiros passos).
- MANHEIN, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *História*. In: FERNANDES, Florestan (Org.). 3ª ed. São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Marx e Engels).
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. *O capital*. Vol. 01.2. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- STÁLIN, Joseph. *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*. São Paulo: Global, 1982.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Educação e Burocracia*. São Paulo: editora UNESP, 2012.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. In: GERTH.H.H; WRIGHT, Mills (Orgs.). Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.
- WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- VIANA, Nildo. *A pesquisa em Representações Cotidianas*. Lisboa-Portugal: Chiado Editora, 2015.
- VIANA, Nildo. *Karl Marx: a Crítica desapiedada do existente*. Curitiba-PR: Editora Prisma, 2017.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. 2º ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

VIANA, Nildo. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2006.